



ACADEMIA SERGIPANA DE MEDICINA

DR. ROOSEWELT DANTAS CARDOSO DE MENEZES
MEDICINA: ARTE OU CIÊNCIA? SACERDÓCIO.

AGRADECIMENTOS

Há 30 anos, incluindo meu período de estudante, tento ser um bom médico. Depois um bom professor de medicina e pesquisador. Não creio ter concretizado nenhum desses objetivos. Ao invés, a dedicação a estes objetivos me fez descuidar de outras esferas da vida como a cultural, social, política, e afetiva. Nesses anos não privilegiei como devia a família e os amigos. Minhas primeiras palavras nesta noite em que a Academia Sergipana de Medicina me acolhe em seu honroso convívio, são de humildade e de agradecimento.

Agradecimento primeiro à Deus, o que tento fazer pôr atitudes, e à minha família, onde tenho tido constante inspiração para superar as minhas falhas.

Quero agradecer à minha esposa Sandra, com as palavras, sempre atuais, que pus na minha primeira tese “fonte inesgotável do amor que eleva e da força que impulsiona”, e aos meus filhos Carla, André e Mário, pródigos na capacidade de ensinar como ser um bom pai. Hoje eles me ensinam praticamente tudo.

Quero agradecer aos meus pais Luís e Hermínia, exemplos de honra e força que marcaram a minha personalidade com o exemplo de seriedade, de amor e do serviço ao próximo e à sociedade. Com eles aprendi que o crescimento individual não é crescimento.

Quero agradecer aos meus treze irmãos Luís, Anita, Aldete, Carlos, Anete, Angélica, Alaíde, Arlene, Ana, Eugênia, Eugênio, Afra e Andréia, pela felicidade da sua convivência e de seus exemplos. Também aos demais parentes: tios, primos, sobrinhos, sogra, cunhados, pela generosidade com a qual tem me tratado.

Quero agradecer a todos meus colaboradores, que são muitos, na Universidade Federal de Sergipe (Dra. Karla Freire, Dra. Adriana Prata, Dra. Elenilde Barretto, Dr. Roberto Ramalho, Dra. Luciana Pedral, Dra. Flávia Costa, Bióloga Marta Meneses, Enfermeira Fábica Regina, e outros) e na Endocrinologia e Laboratório Pio XII (Dra. Rossana Cahino, Dra. Virgínia Gurgel, Adm. Ana Cahino, Bioquímicas Joselita Barbosa e Giovanna Diniz, Nutricionista Erenilda Freitas, Psicóloga Edelvaise

Ferreira e outros), uma família hoje tão numerosa quanto a minha. A todos eles, sem eufemismo, dedico esta homenagem.

Quero agradecer também aos meus professores, os daqui tão numerosos que não citarei, a não ser as primeiras as Professoras Lalia Lobão e Maria Eunice de Carvalho do Grêmio Escolar Gracco Cardoso. De fora quero agradecer ao Professor Ayrton Custódio Moreira, atual Diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, pela sua importância na minha formação como Endocrinologista e professor universitário. Mais recentemente, a Professora Eliane Azevedo, professora titular de Bioética da Universidade Estadual de Feira de Santana tem sido uma fonte de orientação constante.

Também gostaria de agradecer aos colegas que cuidaram da minha mãe em todo o processo da sua doença e morte. Em Aracaju, Drs. Saulo Maia, Luiza Dória, Carlos Guimarães, Adriano Caldas, Eduardo Amorim, Arnon Marinho, Arturo Javier, Celi Marques, entre outros. Em Porto Alegre, Dr. João Artur e Carlos Barrios. Em Salvador Dra. Eulina e Dr. Raimundo. Pelos mesmos motivos, gostaria de agradecer aos Drs. João Fernandes Brito Aragão, Jilvan Pinto, William Eduardo, Hélio Lima e Ronald Andrade pela atenção dedicada ao meu sogro, Sr. Mário, na sua recente doença e óbito. Médicos na sua mais elevada dimensão, nobres colegas do homenageado desta noite, Dr. Roosevelt Dantas Cardoso de Menezes. Procurarei merecer a acolhida desta Academia, registrando da melhor maneira, a biografia deste grande sergipano. Cultivando vultos como Dr. Roosevelt, estamos prestando um serviço à juventude, divulgando a verdade e contribuindo para reduzir a crise ética que teima em nos envolver.

INTRODUÇÃO

A medicina é arte e ciência. Arte de perguntar, de ouvir, de examinar e de intervir. Por outro lado é ciência, que alia a observação criteriosa e experimentação ética à moderna tecnologia utilizada no diagnóstico e tratamento dos doentes. Embora esta atividade inclua a produção e venda de serviços médicos, a medicina não pode ser caracterizada pela sua faceta técnica ou mercantil. A interação humana, subjetiva e ética deve preponderar na relação médico-paciente, pois é a marca conceitual mais importante da medicina. O homenageado desta noite, Dr. Roosevelt Dantas Cardoso de Menezes, foi uma pessoa carismática, humilde e competente. Dedicou sua vida ao sacerdócio de salvar vidas, artista da bela medicina, cientista fecundo, é o pioneiro das transfusões de sangue no nosso Estado. Embora Dr. Roosevelt, como outros brilhantes médicos da época, não utilizassem o método científico como o concebemos atualmente, sua competência técnica, seu escrúpulo com os procedimentos ligados à coleta, estoque e ministração de sangue, seu zelo com a formação dos seus auxiliares, são todos inerentes à boa ciência. Seu trabalho, humanístico por excelência, foi fundamental para a consolidação da moderna medicina no nosso Estado. Seu exemplo jamais ficará caduco, especialmente nos dias de hoje, onde as pressões mercadológicas de toda ordem tendem a aviltar o papel do médico na sociedade. A seguir

vamos discorrer sobre a vida familiar e profissional do Dr. Roosevelt, pois concluímos ser arbitrário separá-las.

VIDA FAMILIAR E PROFISSIONAL

Filho do senhor João Cardoso de Menezes e senhora Raquel Dantas de Menezes, nasceu, aos 16/03/1913, na cidade de Laranjeiras/SE, o menino Roosevelt Dantas Cardoso de Menezes. Sua mãe morreu de hemorragia puerperal deixando órfãos Armando Dantas Cardoso de Menezes, Narciso Dantas Cardoso de Menezes, Roosevelt Dantas Cardoso de Menezes e Raquel Dantas de Menezes, “Caçula “, que é a mãe da Desembargadora Marilza Maynard Salgado e do falecido e estimado colega Dr. Antônio Fernando Dantas Maynard. O pai então casou-se em segunda núpcias com uma cunhada Dona Alzira Dantas de Menezes, que também faleceu com hemorragia após o parto da única filha Lúcia Menezes Cruz, casada com José Capitulino Cruz, mãe de José Augusto, Maria Auxiliadora, Murilo e Marcelo. O avô casou-se uma terceira vez e teve outros filhos.

Estudou na Escola da Professora Zizinha Guimarães, em Laranjeiras, adquirindo sólida formação. O aluno “Rosevelte” era conhecidos pôr todos os colegas inclusive os mais jovens como minha avó materna Anita. Desta época data seu Português absolutamente correto. Com simpatia, deste então corrigia os erros gramaticais dos interlocutores. Jamais esqueceu Laranjeiras. Mais tarde brincava com os pacientes mais simples que “a priori” se negavam a doar ou receber sangue, indagando se eles eram da rua da Cacimba, reduto menos afamado da Laranjeiras de sua infância. Estudou a seguir no Colégio Tobias Barreto com o inesquecível professor Zezinho Guimarães.

O fato de ter perdido a mãe e também a madrasta com hemorragia, o inclinou para a Medicina. Mudou-se para Salvador em 1933 após aprovação no vestibular da antiga Faculdade de Medicina no Terreiro de Jesus. Além de esforço do seu pai, seus irmãos Armando, Narciso e a esposa deste último Marizete Linhares Menezes, muito o ajudaram financeiramente para as grandes despesas dos seus estudos em Salvador. Ajudavam no custeio das viagens, hospedagem na República da Rua da Gamboa e outras despesas. Os livros muito caros, ele os copiava com sua caligrafia impecável em organizados cadernos. Durante esse período, além de excelente aluno, notabilizou-se como atacante do Galícia Esporte Clube, conhecido como “Alemão”. O Professor Oswaldo Souza o viu jogar inúmeras vezes no campo da Graça em Salvador. Formou-se no dia 08 de dezembro de 1938. Como foi pobre e recebeu muita ajuda para se formar, tinha prazer em ser caridoso com todos. Sabia que muitas pessoas não podiam ir ao médico, e deles não cobraria.

Nesta época, seu pai morava na Fazenda Camulé em Itaporanga D'ajuda, que depois transferiu para seu tio Narciso. Aí ele passava as férias da faculdade. Em 1936 conheceu a jovem Josefina Garcez de Menezes, filha de José Sobral Garcez e Beatriz Sobral Garcez, esta última conhecida como Dona Pombinha. Dr. Roosevelt chamava a sua futura namorada de “Fininha”. Começaram a namorar e Dr. Roosevelt lhe enviava santinhos carinhosos. Carinho foi sempre a marca desta união até a morte.

Em 1939 mudou-se para Itaporanga, onde residiam seus pais. Exercia a Clínica Geral, fazia pequenas cirurgias com muito esmero em suas suturas. Realizava partos, tendo salvado muitas vidas. Naquele período governava os Estados Unidos da América o brilhante estadista Franklin Delano Roosevelt. Graças ao trabalho humanitário do Dr. Roosevelt, este nome ficou comum, primeiro em Itaporanga, com o demonstra o nome do colega Dr. Roosevelt Ferreira de Oliveira, ex-superintendente do antigo INAMPS, e depois em todo o Estado.

Casou em 1940, tendo seu 1º filho José Carlos Garcez de Menezes nascido em 1941 em Itaporanga. A Segunda filha, Maria Clara Garcez de Menezes nasceu em Aracaju na Rua Santa Luzia, nº 200, entre Maruim e Estância, na casa de seus avós Zezé e Pombinha, sendo registrada em Itaporanga.

No ano de 1942, veio trabalhar no Hospital de Cirurgia, exercendo a especialidade de Clínica Médica. Manteve até 1945 sua atividade clínica em Itaporanga na mesma residência onde morava.

Mudou-se para a Praia Treze de Julho em Aracaju e em 1946 adquiriu a casa da Rua de Siriri, nº 866 onde viveu até seu falecimento em 1994. Desde o casamento, teve uma única empregada, Dona Isaura, conhecida como Dona Maninha, que era uma espécie de governanta, responsável pela administração da casa, e que muito ajudou na educação dos filhos do casal.

Homem cujo único vício era fumar, gostava de cuidar das plantas e ouvir música. A música, mais que um “hobby”, era seu relaxante antes de começar um árduo dia de trabalho. Aficionado no jogo do “Buraco”, seus colegas mais habituais eram: Sr Valdomiro do Armário Betânia, Sr Dionísio, Dr. José Sobral, Dr. José Rezende, Dr. Guerra, Professor Antônio Barreto Fontes. Jogavam na casa da Atalaia, onde funciona atualmente o armário da filha. O perdedor tinha de ostentar, cabisbaixo ou não, um tradicional chocalho.

Teve consultório com Dr. Paulo Faro na rua de João Pessoa, no Edifício que abrigou as Lojas Os Gonçalves. Foi médico de numerosa famílias. Na minha cuidou de tia Alaíde e da minha avó paterna Neném. Fechou o consultório em meados de 1950, pois nunca se sentia à vontade para cobrar dos humildes. Além do Hospital de Cirurgia, trabalhava na Prefeitura de Aracaju inicialmente no Pronto Socorro da Prefeitura vizinho a Circunscrição do Serviço Militar, próximo onde é hoje o Edifício Central do Banco do Estado de Sergipe. Foi também médico do SESI de 1954 a 1962 e do antigo “Sandu”

Católico, ia a missa todos os domingos. Seu lar tinha a proteção da “Santinha de Lisieux”, Santa Terezinha do Menino Jesus, santa de devoção de Dona Josefina. Tal como a Santa, que “ganhou” do falecimento de sua mãe na infância a sua vocação de religiosa, Dr. Roosevelt “ganhou” a sua vocação das dores da infância, do trauma da morte da mãe e madrasta com hemorragia. Inicialmente fazia transfusões sanguíneas diretamente do doador ao receptor em casa e nos hospitais. Porém não havia estoque de sangue nem para necessidades eletivas, quanto mais as urgências. Decidiu dedicar a sua vida para que ninguém morresse no Estado por falta de sangue, como o ocorrido à sua mãe e madrasta. A doação de sangue constituía um sério problema porque não existia recursos tecnológicos, nem pessoal especializado para realizar o trabalho.

Dr. Roosevelt se interessou pelo problema, fez curso de especialização em Salvador e começou a buscar meios de melhorar a qualidade e tornar viável as transfusões através do estoque de sangue. Para tanto, implantou o primeiro Banco de Sangue em Sergipe, que foi o do Hospital de Cirurgia, contando com total apoio do então Prefeito de Aracaju, Dr. José Garcez Vieira. Deste pioneiro trabalho voltaremos a falar tópico especial.

VIDA POLÍTICA

Sua paixão e dedicação à profissão, não o impediu, no entanto, de assumir cargos públicos e políticos. Em 1941 foi Prefeito de Itaporanga, de 1951 a 1963, 4 vezes Deputado Estadual pelo PR (Partido Republicano) e em 1957, acumulou os cargos de Deputado Estadual e Prefeito de Aracaju

Comenta o falecido Professor José Maria Rodrigues dos Santos “Dr. Roosevelt Cardoso de Menezes foi um dos poucos fenômenos eleitorais de Aracaju. Sua eleição de deputado estadual, após ser prefeito da capital, sempre foi citada e evocada como um feito extraordinário, pela votação recebida. Os prefeitos, geralmente, se agastam muito no cargo e quando encerram o mandato estão com índices de popularidade em queda. Com o Dr. Roosevelt foi diferente. Ele contrariou a regra, estabeleceu com a população uma sintonia que deu resultado eleitoral e quebrou o tabu da impopularidade fatal dos administradores. Bastaria este fato para chamar a atenção dos observadores e dos analistas políticos para a figura do médico e prefeito de Aracaju, ligado ao Partido Republicano.”

“Dos partidos que travaram com o povo aracajuano, após 1946, o PR tinha um certo charme, que garantia a sua participação nas grandes e nas pequenas disputas, ao lado do PSD e, algumas vezes, de outras agremiações, tendo, invariavelmente, como adversário a UDN. Nos quadros do PR militavam algumas figuras destacadas, como Armando Rollemberg, que depois de uma brilhante carreira política fez, no antigo Tribunal Federal de Recursos, uma bela biografia de Ministro. Júlio Leite, que foi senador da República, era outra figura de proa do Partido Republicano, ao lado de muitas outras, alguns

intelectuais que se constituíam em quadros qualificados culturalmente, habilitados politicamente, e dispostos às lutas, muitas vezes duras, das campanhas.”

“A passagem do Dr. Roosevelt Cardoso de Menezes pela Prefeitura de Aracaju o transformou num desses personagens do PR, para o contato com o eleitorado. O resultado foi ótimo e ele se tornou um vitorioso, intimidando com seu prestígio os adversários.”

No entanto, foi político eventual, como o definiu seu genro Cristiano Barreto. Entrou para a política com conseqüência natural da sua popularidade, em função do desinteressado trabalho médico que desenvolvia sempre em função dos mais pobres. Humanista pôr natureza, Dr. Roosevelt abandonou, aos poucos, a política partidária. Dedicou-se a seguir a atividade pública de imenso valor, a organização do Banco de Sangue do Hospital das Clínicas Dr. Augusto Leite. Com sua simplicidade, seu jeito amável, o Dr. Roosevelt abordaria as pessoas, convidando-as a doar sangue, para armazenar em local apropriado, com o intuito de salvar vidas.

O BANCO DE SANGUE DO HOSPITAL DE CIRURGIA.

Auxiliaram-no inicialmente na implantação e no trabalho diário no Banco de Sangue no início, Irmã Blanda, Irmã Dulcinéia, Irmã Salomé, hoje Dalva. Em 1957 Janoca Gomes Andrade e um ano depois Darci de Andrade Santos sua irmã, ambas recém chegadas de Canhoba, passaram a trabalhar com ele, com dedicação e vontade de aprender. Assim o fizeram durante 30 anos. Maria do Carmo e Lourdes Aragão, Silvandira Barroso e outros tiveram a feliz oportunidade de desfrutar do seu exemplo e companhia.

Janoca e Darcy relatam seus anos de convivência com o seu chefe. A primeira lição foi a da pontualidade. Às 07 horas chegava ao Hospital permanecendo até as 12 horas durante 30 anos seguidos. Inicialmente fazia ambulatório e depois se dirigia ao banco de sangue. Porém, durante o restante do dia e da noite estava sempre disponível para socorrer aos inúmeros chamados. Muitas vezes, á noite, chamado pelo hospital para atender uma emergência, um paciente chocado, ele chegava ao hospital de pijamas já trazendo o doador. Outra vezes era chamado para puncionar veias difíceis. Nunca se recusou. Sua principal missão foi de salvar vidas.

O banco de sangue supria de sangue o Centro Cirúrgico, um operoso Pronto Socorro, a Maternidade Carlos Firpo, sempre repleta. No Hospital médicos como Fernando Sampaio, Canuto Garcia Moreno, Costa Pinto, Valdir Andrade, Francisco Bragança, Fernando Felizola, Osvaldo Leite, Osvaldo Souza, Carlos Melo, José Machado de Souza, Basilio, Valter Cardoso, Benedito Guedes, Antônio Garcia Filho entre outros exerciam com brilhantismo suas atividades com a certeza de um suprimento de sangue para cada finalidade. Dr Roosevelt sentia-se feliz com o êxito dos seus colegas,

para o que muito contribuiu. Hoje com os modernos centros de Hemoterapia, como o do “Hemose”, não se consegue avaliar o pioneirismo deste trabalho.

Dizem Janoca e Darcy - “ Fazíamos os equipos, obtínhamos os soros de tipagem sanguínea a partir de doadores conhecidos, pois não havia soros fabricados. Destilávamos mais uma vez a água já destilada e fazíamos a sorologia para Sífilis, Hepatite e Chagas. Quando havia uma grande necessidade de sangue, Dr. Roosevelt dividia seu grupo em dois, um ia para o presídio e outro para as fábricas, inclusive em S. Cristóvão. Jamais cobrou pelas inúmeras doações que fez, mesmo as domiciliares. Se o paciente era pobre arranjasse dois doadores, se rico, mais doadores”.

Chefe exemplar, era severo porem brincalhão. Estimulava o amor ao trabalho, primeiro que a remuneração . Como ele seus auxiliares trabalhavam os fins de semana em plantão ininterrupto sem recompensa financeira. Nenhum deles se queixavam. Inúmeras vezes cobria um horário de Janoca ou Darcy para que elas pudessem resolver assuntos particulares, inclusive participar de festas ou passeios promovidos pelas irmãs. Não tolerava a mentira . Dizia “ a verdade tem defesa, a mentira não.” Em mais de 30 anos de trabalho, jamais dirigiu um palavrão e nunca faltou com decoro às suas funcionarias . Selecionava seus funcionários pelo caráter e os treinava globalmente. Cuidadoso, somente autorizava que um funcionário assumisse uma tarefa assim que completamente treinado, geralmente após 6 ou 12 meses de trabalho. Corrigia sempre os erros de Português dos seus funcionários de forma natural, melhorando a capacidade de expressão dos mesmos. Hoje Janoca, Maria do Carmo, Lourdes trabalham no Hemose e Darcy no Hospital da Policia Militar. São todas técnicas reconhecidas. Nenhuma delas jamais teriam um chefe como ele.

Além de fazer todo o serviço de atendimento ao doador e aos seus familiares, a coleta, a classificação e a transfusão de sangue, Dr. Roosevelt e sua equipe ainda prestavam serviços aos Hospitais do interior do Estado (Lagarto, Estância, Siriri e Dores). Todo esse serviço, é bom lembrar, era feito gratuitamente. No início do trabalho, não era fácil conseguir doadores. Um dos pioneiros na doação de sangue foi Erivaldo Lídio de Melo, conhecido como “MOVIMENTO” ou “MUVÚ”. Era possível contar ainda com o próprio Dr. Roosevelt (A+), Dr. Basílio (B+) e Dr. Costa Pinto (AB+) e Prof. Bernadete Galvão (Fator Rh) diretora do Colégio do Salvador.

O recrutamento de doadores era também feito na Penitenciária, no Corpo de Bombeiros, no Correio, na Polícia Militar e na Sucam. Quando ninguém queria doar, ele não se desanimava, caía em campo, pedia pessoalmente a um e a outro, até conseguir superar a crise. Não hesitava em convidar no jogo de futebol, o doador de que precisava,

Após 35 anos de impagáveis serviços prestados a esta Casa e a comunidade Sergipana, no ano de 1977, afastou-se do Hospital de Cirurgia, deixando um serviço de Hemoterapia montado e funcionando a pleno vapor. Viveu sempre modestamente. Não fez fortuna com a Medicina. Na realidade incomodava-se de cobrar pêlos seus serviços.

ÚLTIMOS ANOS.

Viúvo em 21 de dezembro de 1980, após o falecimento de Dona Josefina devido a um fulminante Infarto do Miocárdio, esse homem de grandes virtudes, bom pai, bom chefe, sensível, continuou cercado de carinho pelos filhos, netos e bisnetos e por Dona Maninha sua fiel amiga e servidora. Como ocorrem aos homens simples, não teve em vida o reconhecimento que merecia. Acidentado, após uma queda na subida para o ônibus, teve dificuldade para ser atendido no Hospital que servira durante toda a vida. Recuperou-se.

Em Novembro de 1994, uma icterícia lhe aparece. No dia 11, o diagnóstico ultrasonográfico de Câncer de Fígado. No dia 21 de Dezembro, após período de Coma Hepático, vem a falecer. Sua neta Dra. Jeane assina o atestado de óbito. Ex-prefeito de Aracaju, sua família não recebeu naquele doloroso momento o conforto do poder municipal.

Após sua morte, o Hospital de Cirurgia colocou seu nome no Serviço de Hemoterapia pôr ele criado. No Governo Valadares o “Hemose” também receberia seu nome.

FAMÍLIA

Sua Filha Maria Clara Garcez de Menezes, comerciante, casou-se com Cristiano Melo Barreto e teve três filhos: Patrícia Menezes Barreto, por sua vez mãe de Cássio, Gustavo e Cristiano, Christiane Barreto Fonseca, mãe de Vanessa e Filipe, e Cristiano Melo Barreto Filho.

Seu filho José Carlos Garcez Menezes, Químico Industrial, exerceu funções relevantes na U.F.S de 1974 a 1984 sendo, Coordenador do Vestibular e Pró- Reitor de Graduação, tendo assumido interinamente a Reitoria algumas vezes. Casou-se com Gilma Holanda de Menezes e teve 2 filhos: a médica cardiologista Geanne Maria Holanda de Menezes Barroso casada com o colega Dr Roberto Cardoso Barroso pais de Gabriela de Menezes Barroso e José Carlos Garcez de Menezes Júnior .

Sua família possui as qualidades morais deste homem. São pessoas respeitadas em nossa cidade pela honra e seriedade.

CONCLUSÕES

Entro nesta Academia pela caridade do Dr. Gileno Lima, que insistiu ao máximo para que postulasse a minha candidatura. Fui saudado com caridade pelo amigo e professor Dr. Cleovansóstenes Pereira Aguiar, por coincidência ambos duas vezes colegas do Dr. Roosevelt, médicos e Prefeitos de

Aracaju. Caridade é a característica do sacerdócio do Dr. Roosevelt, médico-artesão. Nada mais propício para finalizar este trabalho com as palavras de São Paulo, na primeira epístola aos Coríntios:

“Se eu falar as línguas dos homens, e dos anjos, e não tiver caridade, sou como o metal que soa, ou como o sino que tine.

E se eu tiver o Dom de profecia, e conhecer todos os mistérios, e quanto se pode saber: e se tiver toda a fé, até o ponto de transportar montes e não tiver caridade, não sou nada.

E se eu distribuir todos os meus bens em o sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se todavia não tiver caridade, nada disto me aproveita.

A caridade é paciente, é benigna, a caridade não é invejosa, não obra temerária, nem precipitadamente, não se ensoberbece.

Não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não suspeita mal.

Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade.

Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

A caridade nunca jamais há de acabar, ou deixem de ter lugar as profecias, ou cessem as línguas, ou seja abolida a ciência.”

O exemplo do Dr. Roosevelt Dantas Cardoso de Menezes, o mais caridoso dos médicos sergipanos, nunca acabará. A Academia Sergipana de Medicina o reverencia. Sua lembrança será refrigério para todos os médicos que se compadecem do sofrimento alheio e vivem para aliviá-lo.

BIBLIOGRAFIA

Erich Fiori, *O dogma de Cristo. A medicina e o problema ético do homem moderno*. Zahar Editores, 4ª edição, pag. 129-143, 1974.

Luiz Salvador Miranda Sá Júnior. *Medicina e negócios*. Coluna Pensar e Dizer. Jornal do Conselho Federal de Medicina, nº 119/120, Julho/Agosto, 2000

Dr. Roosevelt Dantas Cardoso de Menezes. Informativo Hospital de Cirurgia

Dr. José Maria Rodrigues Santos. *Memória Fraca*. Gazeta de Sergipe, seção Opinião

Guy Saucher. *Santa Terezinha do Menino Jesus. História de uma vida*. Edições Loyola, 1992

Primeira epístola de São Paulo aos Coríntios. 13,1-8

Entrevistas com José Carlos Garcez de Menezes, Maria Clara Garcez Menezes, Dr. Osvaldo Souza, Dr. Francisco Bragança, Janoca Gomes Andrade, Darci de Andrade Santos e série de outros depoimentos.

Todos os direitos reservados aos seus autores e à Academia Sergipana de Medicina. Permitida a reprodução total ou parcial, desde que citada a fonte.